



Design®

A FORMA, SEGUE A EMOÇÃO

TRIMESTRAL € 6,00 PORTUGAL-CONT.



5 601073 088275

7A

00067



2008



by INGA SEMPÉ

IDEIA LUMINOSA
Grande Lampe Plissée, 2002



ENTREVISTA MADALENA GALAMBA

FOTOS CORTESIA INGA SEMPÉ

Inga Sempé gosta de guarda-chuvas. Mas também podia gostar de um acordeão, ou um leque, ou um cão enrugado, como o do anúncio da lavanderia. O fundamental é que tenha pregas. E a surpresa, quase mágica, de mudar de tamanho num movimento mecânico. Num abrir e fechar de olhos.

INGA SEMPÉ

{ A PREGA É BELA }





▲ **PLISSÉ (2007)**

O candeeiro acordeão editado pela Luceplan.

AO CONTRÁRIO DO QUE SUGERE a leveza dos objectos que desenha, Inga Sempé (Paris, 1968) tem uma voz forte. Assertiva. Também calorosa, é certo, mas sobretudo segura daquilo que diz e transmite. A francesa de origem dinamarquesa é um pouco como aqueles realizadores que fazem um filme por ano. Podem não ser muitas as peças que assina, mas em todas acerta. Não há desperdício. Obcecada por pregas (algo que está presente no seu trabalho desde o projecto que a lançou para a fama, o candeeiro Grande Lampe Plissée, descoberto por Giulio Cappellini e editado em 2002), gosta de objectos simples, ancorados no nosso quotidiano pequenino, e no entanto de uma grandeza irrepetível. Muito directa, resiste aqueles que teimam em associar o seu design à moda (por causa das pregas, ou dos tecidos, vá-se lá saber porquê). "Demorei muito tempo a perceber que queria ser designer. Até porque era uma profissão desconhecida, pelo menos em França. Sempre me interessaram muito as coisas, os objectos, e sempre fui muito *bricoleuse*."

Ao princípio pensei que queria fazer *packaging*. Mas depois um dia vi na televisão que existia esta escola, com este curso, e decidi ser designer." Foi assim que ingressou na École Supérieure de Création Industrielle, em Paris, onde se diplomou em 1993. E é assim que assume o design como uma quase-missão para pôr as coisas no lugar certo. Inga vasculha as "puces" em busca de objectos. E é aos objectos que volta sempre. Criou o seu próprio atelier em 2000, mas o início não foi assim. "Sempre soube que queria seguir o meu próprio caminho", afirma "Sou uma péssima assistente." Concluído o curso, trabalha no estúdio de Marc Newson em Paris, e também com Andrée Putman. Dois olhares muito diferentes sobre o design mas que marcaram Sempé. Com Newson, aprendeu tudo sobre o lado mais industrial do design, a ideia de que um objecto é criado para ser reproduzido industrialmente, com tudo o que isso acarreta. Com Madame Putman, Sempé tomou consciência de "tudo o que não queria fazer". Nada de interiores, nada de arquitectura. Tudo devia ser muito

mais simples. Como simples são os objectos que atraem. Para gostar de um objecto, seja ele qual for, é importante que este não a incomode. "Não pode enervar-me". É bom que o objecto tenha "charme", que é precisamente aquilo que abunda em muitas das suas criações.

SEMPÉ COMEÇOU BEM. Bolseira da Académie de France na Villa Medici, em Roma, o grande atelier num palacete do séc XIX, numa sala com um enorme pé-direito viu nascer um projecto que marcou a sua carreira. Foi aí, nessa sala, que nasceu o celeberrimo candeeiro plissado que mais tarde viria a ser editado pela Cappellini. "Em Itália havia umas grandes folhas de papel, com linhas, por todo o lado. Comecei por dobrar as folhas, pelas linhas, para fazer um grande volume luminoso. Depois a Cappellini quis produzir o candeeiro, mas em tecido, não em papel. O problema é que é muito difícil encontrar alguém que faça este plissado na Europa. Procurei por todo o lado, até que encontrei um especialista em pregas que estava disposto a trabalhar no meu candeeiro. Curiosamente, estava mesmo ali ao lado, debaixo do meu nariz, em Milão." O processo criativo começa inevitavelmente à mão. Um *croquis* é o primeiro passo, de onde parte sempre até chegar à "arquitectura do objecto". Investiga o uso, e só depois procura o material que melhor serve o objecto. Ao contrário do que possa parecer, não são os materiais, em particular os tecidos, a verdadeira obsessão de Inga. Por isso, não duvida em afirmar que qualquer ligação entre o seu design e a moda é pura coincidência. "Gosto de tecidos, por isso dizem que há uma ligação do meu trabalho à moda. Se gostasse de açúcar, diriam que o meu trabalho se inspirava na pastelaria." Para Inga, o importante é a prega. A prega é bela, e eloquente. A prega é uma "articulação, é um objecto que muda de tamanho". É esse fascínio pela surpresa que os objectos *plissés* reservam (ora finos e comprimidos, ora extravagantemente volumosos) que a leva a revelar o seu objecto preferido: "Adoro guarda-chuvas."



**"GOSTO DE TECIDOS,
POR ISSO DIZEM QUE O
MEU TRABALHO** se liga à moda.

Se gostasse de açúcar diriam que o meu
trabalho se inspirava na pastelaria."



▲
CHANTILLY (2007)

Um sofá de consistência doce e sedosa, para a Edna.

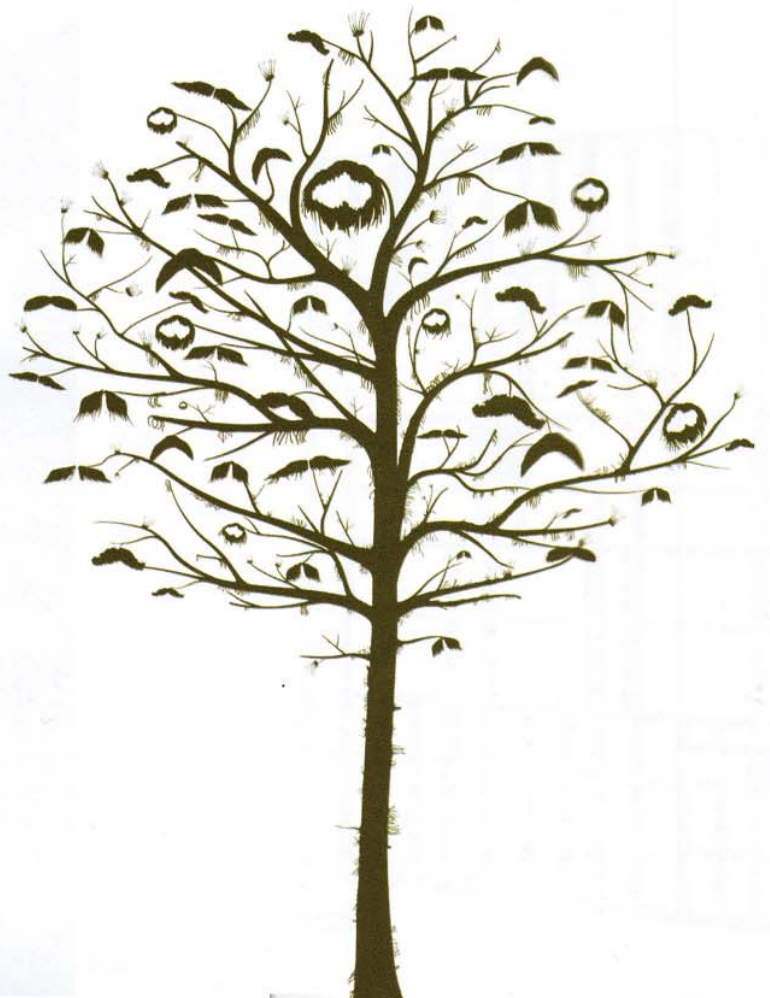


▲
MESAS LUNATIQUE (2006)

Uma mesa telescópica, que sobe
e desce à altura desejada,
produzida pela Ligne Roset.

ARBRE MOUSTACHES (2007) ▶

Uma árvore surrealista para colar na parede.
Da Domestic.





Também confessa a sua predileção por "objectos mecânicos e saca-rolhas". Tínhamos pensado num acordeão, ou num leque, mas não acertamos. Entre os seus projectos mais recentes, aparece o banco/escadote, uma peça que revela o outro lado, menos teatral, do design de Sempé, aquele em que o design desempenha a sua função mais básica: resolver problemas. A propósito de Escabeau, ainda em protótipo, diz "Há muitos adiantes domésticos em França porque as pessoas usam os objectos inapropriados. Queria fazer uma cadeira que pudesse ficar sempre no seu sítio, visível, na cozinha por exemplo, e que de repente se transformasse em escadote. Assim não temos de a esconder e podemos usá-la para nos sentarmos mas também como um escadote. Já o candeeiro para a Artecnic, Double Stray, dobra-se sobre si próprio, que permite reduzir substancialmente os custos de transporte, logo o preço final. Sempé explica que se inspirou nos abat-jours de papel chineses para este Double Stray que mais uma vez se abre e se fecha. O ponto comum aos seus projectos de sonho é que estes são pacatamente realistas: "Gostava de desenhá-la uma salamandra, ou janelas, porque na generalidade da arquitectura

francesa as portas e janelas são horríveis. Ou então coisas de papelaria, cadernos, canetas." Sonhos muito terra-a-terra, quase domésticos, em consonância com a atitude saudavelmente "desprendida" que Sempé tem em relação ao design, que é a sua vida. Sempé, cuja mãe é "100% dinamarquesa" (daí o nome, e o ar nórdico), trabalha em casa, rodeada da família, e tem um perfil espantosamente *low* para quem assina algumas das peças mais *high* do design recente (como o sofá Chantilly ou o armário de franjas Brosse, ambos editados pela Edra). Interrompe um instante a entrevista para rir com uma brincadeira do filho mais velho, e fala da filha mais nova, de 8 meses, para apontar a única diferença de ser mulher e designer: "Não acho que o design tenha género. Só os jornalistas é que me fazem essa pergunta, se acho que sou diferente por ser mulher. A única coisa é que, como acontece em qualquer terreno, ser designer (ou talhante) e mulher pode ser complicado se tens filhos e não tens um homem que te ajude." Inga Sempé obviamente tem. E por isso pode continuar a esconder maravilhas entre as pregas dos seus tecidos. ■

www.ingasempe.fr

▲ **DOUBLE STRAY (2008)**

Abat-jour rebatível produzido pela Artecnic.